



SOBRE PROCESSOS E ELEMENTOS PRESENTES NAS RECONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS DE PROFESSORES HOMENS NOS ANOS INICIAIS

Maria da Conceição Silva Lima

Universidade Federal de Pernambuco

mariacsclimax@hotmail.com

Resumo: O presente artigo traz um estudo horizontal acerca da construção identitária profissional de professores homens atuantes nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Como pressuposto, o desafio de retomar uma pesquisa realizada, em 2009, com dois professores acerca da opção pela sala de aula, oito anos após da sua Formação Inicial. Ao revisitá-los, observamos que a dinâmica identitária profissional foi sendo processada na experiência com o campo de trabalho, o que atribuiu novos contornos às suas falas, reconfigurando-as. Os dados foram analisados na perspectiva da Análise Temática de Bardin (1999). Como resultante, evidenciamos que as representações docentes, cujo universo ainda envolve uma série de estereótipos ligados à maternagem e a forte presença feminina, impactam diretamente na reconfiguração da identidade profissional desses sujeitos, ocasionando uma fuga e abandono da identificação inicial com o magistério.

Palavras-chave: Identidade profissional. Magistério. Homens.

ON PROCESSES AND ELEMENTS PRESENT IN THE IDENTITY RECONFIGURATIONS OF TEACHERS MEN IN INITIAL YEARS

Abstract: This article presents a horizontal study about the professional identity construction of working men teachers in the Initial Years. As a presupposition, the challenge of resuming a research conducted in 2009 with two teachers about the option for the classroom, eight years after their Initial Training. When revisiting them, we observed that the professional identity dynamics was being processed in the experience with the field of work, which attributed new contours to their lines, reconfiguring them. The data were analyzed from the perspective of the Thematic Analysis of Bardin (1999). As a result, we show that the teaching representations, whose universe still involves a series of stereotypes related to mothering and the strong female presence, directly impact on the reconfiguration of the professional identity of these subjects, causing an escape and abandonment of the initial identification with the teaching profession.

Keywords: Professional identity. Teaching. Men.

INTRODUÇÃO

Discutir sobre formação de identidades significa sempre uma tentativa provisória e imprecisa de se compreender a sociedade e as pessoas que a constituem. Nesse sentido, o que

podemos tomar por identidade, e, em que medida ela afeta a formação identitária profissional de professores homens atuantes nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?

De acordo os Estudos Culturais, a noção mais aproximada de identidade seria a de uma espécie de exteriorização, um fragmento temporário e representativo do sujeito. Tal afirmação, conforme pontuado por Hall (2001), considera que sua configuração é operada em desarticulação com o espaço-tempo, o que a faz extremamente vulnerável aos contextos a que é submetida, tornando-a efêmera. Nesse sentido, as certezas e afirmações de Si dos sujeitos tornam-se voláteis, de maneira que inúmeras alterações podem ser operadas, indiciando novos direcionamentos, rendendo à identidade contínuas reconfigurações.

Portanto, do ponto de vista da definição, o conceito de identidade tende a ser pouco palpável, sendo apenas uma expressão momentânea e não rígida de elementos de pertença e apego, podendo coexistir inúmeras identidades em articulação, sem que, necessariamente, uma suceda a outra. O que implica dizer que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2011, p. 13). E, nesse sentido, o elemento cultural também ganha destaque.

Segundo Dubar (1991, 2005), cada indivíduo opera seus arranjos identitários dentro de um sistema particular e articulador de elementos. Tal aparato compreende não apenas referências primárias, advindas de nossas socializações iniciais, a exemplo da herança cultural familiar, como também, secundárias, que são fruto de nossas interações junto à sociedade. Daí Hall (1997) ratificar a importância da Cultura enquanto instrumento de afirmação pessoal e coletivo, sobretudo ao respaldar ou não, as identidades dentro de seu sistema alegórico, no qual cada sujeito toma um posicionamento e se faz reconhecer pelo Outro. Para Woodward (2009), ela funciona como balizador das identidades, mediando a relação indivíduo-coletivo, implicando leituras prévias de comportamentos e de posturas, a partir de símbolos compartilhados, e que ao mesmo tempo, funcionam como localizadores do sujeito em termos de atributos, diferencia-o ou aproximando-o dos demais, num misto de pertença e exclusão.

Portanto, a identidade pode ser tomada como uma afirmação de Si, principiada pela diferenciação do Outro, numa marcação social indicativa de quem somos e com o que nos identificamos, sendo caracterizada por “pontos de apego temporários às posições de sujeito”

(SILVA, 2000, p.112). Dessa maneira, ocorre uma dinâmica dual, entre idas e vindas, (re)feita cotidianamente no âmbito das relações sociais e das infinitas informações e conhecimentos que nos chegam na contemporaneidade.

Assim, ao entendermos uma formação identitária principiada por processos de construções e rupturas, atribuímos ao sujeito a qualidade de ator ativo em suas escolhas e rejeições, aproximações ou distanciamentos, adaptações, crises e superações. Tais cenários não abarcam apenas a vida particular, como também, têm penetrações na vida laboral, podendo acarretar tanto escolhas quanto redirecionamentos profissionais.

Dessa maneira, Dubar (1991, 2005) alega que ao elegermos uma atividade profissional, inúmeros elementos são considerados. Eles vão desde a representação em termos de status associado, passando pelas inclinações pessoais e operacionais em que essa escolha é realizada. Tal compreensão indica que nenhuma escolha profissional é realizada aleatoriamente. Antes, ela é feita em conformidade com as condições momentâneas de interesse/desinteresse que podem ter seus desdobramentos sentidos posteriormente, na medida em que esse profissional adentra e interage com os atores e com os jogos de poder pertinentes ao campo de atuação.

Para o autor citado acima, a construção das identidades profissionais não se encerra na Formação Inicial, sendo transformada em situações de crises e conflitos no cotidiano do espaço de trabalho, e no embate entre uma identidade prescrita ou idealizada na formação e uma identidade real, vivenciada com os pares no campo de atuação. Portanto, Dubar (2012) entende que um recém-formado, ao entrar no mercado de trabalho, passa por uma (re)conversão à realidade, à cultura do grupo laboral, ocorrendo uma releitura de suas escolhas, levando a uma confirmação, ou ao abandono da profissão.

E, é nessa interlocução entre a Cultura e o campo de trabalho que situamos o nosso objeto de pesquisa. Afinal, falar de professores homens em salas de aula com crianças ainda soa pitoresco, para não dizer controverso, se levarmos em consideração que, no Brasil, existe uma imagem de docência nessa etapa atrelada à figura da mulher-mãe-cuidadora (ARCE, 1997; SAYÃO, 2005).

Nomeadamente, fazemos uma referência expressa aos elementos de gênero que endossam um modelo excludente de figuras masculinas em salas de aula, tornando aqueles

que conseguem vencer essa barreira, figuras fundamentais para a compreensão das relações profissionais dentro do grupo docente e da sociedade como um todo. Ainda mais se tivermos em conta que o Censo do Professor no ano de 2007 apontou que apenas 5,1% dos professores atuantes em Creches, Pré-Escolas e Anos Iniciais do Ensino Fundamental eram do sexo masculino, sendo a maior parte alocada nesse último segmento.

Tal fato nos fez investigar como os nossos sujeitos de pesquisa se relacionam com essa realidade, em termos de compreendermos como ela interfere ou não em suas escolhas e atuações profissionais, permitindo revelar elementos e contraposições expressos dentro dos processos (re)configuratórios profissionais que marcam a formação de identidades na contemporaneidade.

SOBRE OS ENTREVISTADOS E O PROCESSO DE PESQUISA

No ano de 2009 foi realizada uma pesquisa acerca das pretensões profissionais de 66 estudantes homens, matriculados no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. O objetivo era evidenciar as identificações dos estudantes com o curso e com o magistério, indicando elementos presentes nesse contexto.

Os dados revelaram uma resistência de cerca de 90% dos sujeitos, ou seja, 54 estudantes pesquisados, em pensarem futuras atuações no âmbito da sala de aula, o que em si já poderia ser considerado como algo relevante, ao termos em conta que o curso em tela tem como eixo privilegiado a formação de professores para Educação Infantil e Anos Iniciais.

Em linhas gerais, esses indivíduos estavam na faixa entre 24 e 33 anos, possuíam filhos, já atuavam no mercado de trabalho em áreas não conexas à educação, e, em sua maioria, estudavam no horário noturno. Detectamos também que os contatos com a escola e com a sala de aula ocorreram pela primeira vez no âmbito das disciplinas de Estágio Supervisionado e nem sempre foram encaradas de maneira positiva.

Ainda dentro dessa primeira pesquisa foram ressaltadas resistências associadas aos construtos culturais de gênero que levaram à escolha, por parte desses estudantes, de outras áreas correlatas à Pedagogia, tais como os ambientes não-formais, a exemplo de ONGs e

empresas. Isso nos levou a concluir que o fator gênero não trazia tanta interferência em relação à escolha do curso, mas era determinante na opção pela sala de aula.

Assim, os estudantes apresentaram maiores identificações com a área educacional, não necessariamente com a docência. Em contrapartida, os 10% dos pesquisados que almejavam a sala de aula também cogitaram mudar para outras atividades, conforme o nível de aceitação ou de identificação com a escola, revelando incertezas profissionais. E, é para esse grupo que essa nova investigação está voltada.

Oito anos passados após o contato inicial, tentamos localizar novamente os 06 estudantes que se prontificaram a atuar em salas de aula, numa perspectiva de estudo longitudinal. Agora, com vistas à investigação dos processos de (re)construção de identidades, ocorridas a partir do impacto da inserção no mercado de trabalho, entre aqueles que fizeram a opção profissional pela sala de aula. Contudo, só conseguimos localizar dois, aqui chamados de *professor Aldo* e *professor Beto*.

O objetivo desse novo reencontro foi identificar elementos de conflito, mudança ou ratificação da opção profissional. E, para tal, conduzimos o processo a partir de três perguntas norteadoras: *Quais expectativas iniciais foram efetivamente realizadas nesses anos como docente? Qual o balanço que fazem das transformações em suas identidades profissionais? Como definem hoje a sua identidade profissional?* Os professores apresentaram os seguintes perfis:

Professor Aldo - 38 anos, estudou a vida toda em escola pública, formou-se em Pedagogia, embora já tenha prestado vestibulares anteriores para Administração. Fez uma pós-graduação em Gestão Educacional. À época do segundo encontro, trabalhava como coordenador pedagógico em uma escola.

Professor Beto - 32 anos, estudou em escola particular, formou-se em Pedagogia, que foi sua primeira opção de vestibular, fez uma pós-graduação em Gestão e Administração Escolar. À época do segundo encontro, atuava como coordenador de cursos técnicos.

A dinâmica foi estabelecida em dois momentos: no primeiro, foram realizadas as entrevistas, a partir das perguntas norteadoras. No segundo, os entrevistados foram convidados a relerem suas respostas dos questionários que responderam em 2009, para assim, realizarem suas próprias reflexões, momento em que puderam ponderar sobre o passado e o

presente, e vislumbrar os conflitos e crises dentro do campo de trabalho docente que os fizeram rever ou não suas ideias iniciais.

Esse movimento nos permitiu detectar elementos operacionais que se desenrolam com o passar do tempo na formação de identidades e que fazem desse estudo algo sempre analisado sob o ponto de vista da provisoriedade, pois, conforme indicado por Josso (2004), há uma tênue fronteira na investigação sobre identidades profissionais de professores, que unem o passado e o presente, numa perspectiva analítica de futuro. Para a autora, cada professor agrega ao seu processo pessoal de construção da profissão suas Histórias de Vida, que vão direcionando novas afirmações e refutações. Então, na medida em que um professor vai tomando parte de novos processos de interação em sua vida profissional e pessoal, tende a alterar suas percepções de Si e de seu trabalho, conseqüentemente. O que foi confirmado nesse artigo, cujos resultados passaremos a dispor.

SOBRE EXPECTATIVAS E REALIDADES – A IDENTIDADE EM TRANSIÇÃO

De acordo com Tardif (2002), os primeiros anos de atuação no magistério são cruciais para a permanência dos docentes na profissão. Os processos de crises ou de choques de realidades (LOPES, 2006), pelos quais esses iniciantes passam afetam diretamente a identidade projetada para atuação em sala de aula. Assim, ao reencontrarmos nossos sujeitos de pesquisa oito anos após o primeiro contato, observamos de imediato que ambos, ao contrário da perspectiva inicial, não estavam lecionando em sala de aula, como anteriormente pretendido, mas atuavam como coordenadores pedagógicos.

Ao serem inquiridos sobre o que mudou em relação às projeções iniciais, os dois suscitaram experiências e dificuldades de aceitação por parte de escolas particulares, e uma espécie de tendência desses estabelecimentos à efetivação em cargos administrativos, conforme depoimentos.

Naquela época que a gente conversou, mesmo eu sabendo que seria complicado, não pensei que fosse tanto. Como nunca atuei antes em escola nenhuma, não sabia exatamente como seria esse embate. Enfim, pensei que em escolas de alto poder aquisitivo fosse diferente. Coloquei alguns currículos e fui chamado para entrevistas, mas toda vez que eu chegava lá, era pra cargos de coordenação, gestão (Professor A).

Acho que eu entrei muito cedo na faculdade. Não imaginava como seria isso [risos!]. As pessoas na faculdade já estranhavam eu querer ser professor, e olhe que eu até atuei por seis meses, tranquilamente, num estágio com crianças. Mesmo eu colocando isso, uma diretora me disse numa entrevista que seria bem difícil. Então, aqui estou (Professor B).

Os depoimentos acima mostram que, embora tenham tentado de alguma maneira atuar como docentes, houve resistência das escolas em aceitá-los, conduzindo os processos seletivos para o âmbito da atuação administrativa. Sobre esse aspecto, ao analisar o discurso de diretores e gestores acerca da presença masculina no magistério, Abreu (2003) identificou que o gênero feminino tem prioridade para a contratação nas primeiras etapas da Educação Básica, conforme fragmento do depoimento dado por uma diretora

Um dos nossos critérios para admissão de professores é não contratar homens para trabalhar com crianças. Do ensino infantil até a 5ª série só admitimos mulheres e de preferência que sejam mães, porque é consenso entre nós (direção e coordenação) de que o homem não tem jeito para lidar com as crianças, não tem a mesma afetividade da mulher, observados nas relações entre professor(a) e aluno(a) (ABREU, 2003, p. 14).

Entendemos que os relatos apresentados representem um panorama de como a docência é ainda hoje sectária em termos de gênero, o que acaba por direcionar professores do sexo masculino para assumirem outros cargos dentro do ambiente escolar, supostamente mais condizente com o estereótipo de poder e de comando, a exemplo da Coordenação ou Gestão Pedagógica.

Ainda, conforme relatado por Cardoso (2007), existe uma tendência de que sejam dadas “maiores oportunidades aos homens para que eles abandonem a sala de aula a fim de ocupar cargos de administração, chefia, ou aqueles mais próximos a um padrão social de masculinidade” (ibidem, p.11). Dentro dos contextos apresentados, podemos inferir a forte influência dos aspectos culturais que nomeiam e representam o masculino e o feminino em nossa sociedade, extrapolando os limites das relações sociais, impactando também o mundo do trabalho.

Contudo, por serem instáveis os processos de construção de identidades, também estão à mercê de novas identificações. Foi dessa maneira que o professor Aldo justificou a sua permanência na coordenação escolar.

Então, como eu precisava trabalhar, eu acabei aceitando coordenar, e vi que realmente era o que queria, porque, você sabe, trabalhar com o Fundamental I é

fogo. De certa forma, acho que onde estou é mais tranquilo do que em sala de aula, acabei me identificando nisso, eu acho (PROFESSOR ALDO).

Diante desse depoimento, ficou explícito que embora as identificações iniciais com uma profissão sirvam para nortear algumas escolhas, nem sempre elas se colocam de forma permanente, permitindo flexibilizações. No caso em tela, o docente expõe toda maleabilidade e capacidade adaptativa que as identidades profissionais podem sofrer, corroborando para que antigas certezas sejam reelaboradas no cotidiano do campo de atuação profissional (DUBAR, 2005).

Por outro lado, no caso específico de homens e docência, temos que considerar que, muitas vezes, tais percursos são seguidos muito mais em virtude de contingências, do que propriamente vontade. Além disso, salientamos que conforme expôs o professor Aldo, a necessidade de trabalhar, em algumas ocasiões, pode conduzir a mudanças de rota, sobretudo, dentro de um grupo de indivíduos que recebe pressões para serem provedores, exigindo assim uma rápida inserção no mercado produtivo, em comparação com as mulheres.

Sobre tal fato, o professor Beto relatou que ainda sentia vontade de atuar no magistério, mesmo que tenha gostado de trabalhar como coordenador de cursos técnicos.

Quando eu tive minha experiência de estágio, adorei o contato com as crianças. Mas, como eu vi que a coisa não ia rolar, me dei a oportunidade de trabalhar com coordenação de cursos técnicos, gostei. Então, hoje eu acho legal o meu trabalho, mas penso em fazer um concurso na área. Eu estudei e gostaria de ser professor, mas o que pesa mesmo é eu ter um dinheiro fixo todo mês. E, eu também acho que lá terei mais oportunidade de ir para sala de aula, mas eu não quero ir com os meninos muito pequenos não. Queria que eles fossem maiorzinhos, pequenos não seria minha praia. (PROFESSOR BETO).

O professor Beto em sua fala apresentou uma articulação entre as distintas facetas identitárias que podem habitar os sujeitos. O fato de estar na coordenação e de gostar de atuar nesse segmento não implicou uma ruptura definitiva com antigas pertencas, aqui exemplificadas no desejo de ir para sala de aula. Tal perspectiva é entendida, de acordo com Bauman (2001), em virtude das identidades serem fluídas, sem necessariamente terem sua formação atual principiada pela total exclusão de antigas formações.

Esse hibridismo, termo defendido por Canclini (2008) ao se referir aos processos constitutivos identitários, faz com que os sujeitos se reagrupem em suas antigas e novas identificações, de maneira a achar um posicionamento mais cômodo diante das novas

exigências. A identidade projeta-se, configura-se, refaz-se, desfaz-se, enfim, nada fica definitivamente acabado, podendo muitas identidades viver articuladas, formando arranjos.

Em termos de como os professores Aldo e Beto encaram tais mudanças, percebemos que eles se mostraram aparentemente satisfeitos com a atividade, com destaque para o professor Beto, que ainda mantém interesse em ir pra sala de aula mediante aprovação em concurso público, visto, provavelmente, como única possibilidade de atuação em sala de aula. Ressaltamos também, nesse fragmento, o desejo de trabalhar com alunos de maior faixa etária, o que pode estar ligado tanto ao conceito de cuidados que cerca a Educação Infantil, sendo conforme apontou Cardoso (2007), uma das estratégias de inserção e adaptação daqueles docentes que não querem abandonar a sala de aula para cargos burocráticos, mas que não se identificam com alunos menores. Assim, “os professores homens fogem da alfabetização. Há uma preferência dos homens em assumir as aulas de educação física ou de gestão da educação, espaços notadamente ainda demarcados para as vivências de suas masculinidades” (ibidem, p.14).

Ao serem questionados acerca da relação que fazem entre as perspectivas iniciais e a presente condição profissional, houve, de ambas as partes, um momento de reflexão e as respostas não foram tão imediatas.

Bem, acho que a gente faz uns planos e nem sempre eles saem como queremos. Hoje eu tenho outra realidade, fui pai e tenho que pensar nisso também. Acho que como coordenador, eu tenha talvez maior qualidade de vida, posso curtir mais meu pirralha, minha mulher, é isso. (PROFESSOR ALDO)

Ainda acho um absurdo não poder atuar na minha área de formação pelo fato de ser homem, mas eu também gosto do que faço agora. O público é diferente. Eu preciso organizar a vida de muita gente, porque você sabe, né? Coordenador é um faz tudo na verdade, a gente fica no fogo cruzado, mas eu estou gostando. (PROFESSOR BETO)

Em relação a como se definem em termos de identidade profissional, o magistério não é mais vislumbrado pelo professor Aldo. Já para o professor Beto, ele passou a ser uma opção também como garantia de uma estabilidade financeira.

Engraçado, quando você me chamou para gente conversar depois de tanto tempo, achei estranho, mas ao mesmo tempo fiquei curioso com a proposta de rever as respostas, nem me lembrava mais. Agora, lendo o que eu respondi, percebo como eu mudei, sabe? Acho que durante o curso, a gente se apaixona muito pelas ideias. Quando a gente bota o pé aqui fora, é que vemos que a coisa é outra. Há muito

preconceito envolvendo a gente. Chega a ser bizarro. Hoje eu quero ser coordenador, gestor. Tenho botado currículos também em empresas. Não me vejo mais em sala de aula e planejando aulas. Poxa, mudei mesmo! (PROFESSOR ALDO)

Eita, acho que eu era bem idealista, né? [risos!!!] Esses anos de D.A¹ me fizeram assim. Não que hoje eu não pense em dar aulas, mas é que aquele fogo de revolucionar, essas coisas, eu não tenho muito. Acho que dentro de uma prefeitura, eu consiga trabalhar melhor em sala de aula, acho as pessoas não teriam tanta frescura. Mas, em relação a como me sinto agora, em termos da minha profissão, eu estou bem. Sou coordenador, e é isso. (PROFESSOR BETO)

Os professores, de acordo com os depoimentos acima, ao serem confrontados com as respostas dadas há oito anos, revelaram surpresa com a mudança em suas identidades profissionais. Compararam as expectativas e influências iniciais com a realidade em que estavam mergulhados na atualidade. Deram-se conta do quanto suas identidades foram reformuladas, e que as projeções de agora buscam uma aproximação maior com a área de gestão e coordenação escolar.

Contudo, podemos perceber em meios aos discursos, a menção aos preconceitos enfrentados diante da opção de homens pela sala de aula, o que, nesses casos, pode ter sido o fator de afastamento e redirecionamento profissional de Aldo e Beto. De acordo com um estudo implementado por Rabelo (2013) envolvendo figuras masculinas na Pedagogia, a opção pelo magistério se realiza não apenas por questões intrínsecas de identificação com a atividade. Ela também considera os elementos extrínsecos aos sujeitos, relacionados a como a sociedade vê cada profissional, que delineiam suas possibilidades de sucesso na área inicialmente pretendida.

A referida autora afirmou que “no Rio de Janeiro, por exemplo, ouvimos declarações preconceituosas, até mesmo por parte dos setores administrativos da educação, insinuando que só havia professores homossexuais nesse segmento” (RABELO, 2013, p. 914). E, tal assertiva nos faz refletir acerca de possíveis resistências e preconceitos que ainda persistem em determinados setores da vida produtiva, afetando diretamente as expectativas de futuros profissionais.

No caso específico do magistério, entendemos a partir dos depoimentos dos professores Aldo e Beto que essas configurações sociais os levaram a tomar outros rumos

1 Diretório Acadêmico.

profissionais, adequando suas identificações às oportunidades surgidas. Contudo, em um país que carece de profissionais comprometidos e dedicados à docência, estereotipar o trabalho de homens e de mulheres tendo como base não a capacidade profissional, mas antigas construções binárias que determinavam o lugar de homens e de mulheres no mundo do trabalho. Além do que, entendemos que tal postura enfraquece a noção de profissionalidade adquirida mediante a formação adequada e da aquisição de saberes que permitem ao profissional habilitado o pleno exercício de suas funções. Em se tratando da docência, entendemos que tais posturas colaboram contra o reconhecimento da função para além de vocação, dom ou maternagem, agregando um caráter mais profissional àqueles que a desempenham.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizarmos esse trabalho algumas considerações podem ser tecidas. A principal remete a um entendimento não estático e linear dos processos de construção de identidades. Ela considerou não apenas o fato de nossos sujeitos terem cambiado suas pretensões iniciais, como também a identificação desses com novos elementos e situações estabelecidos *no e pelo* campo de atuação.

O fato de não abandonarem a área educacional demonstrou, em nosso entendimento, uma permanência de identificações iniciais, embora essas tenham sido reconfiguradas no decorrer de suas trajetórias, aparentemente, muito mais pela falta de oportunidade de atuar em sala de aula, do que, propriamente, pela vontade inicial dos professores. Isso indica que os conflitos envolvendo a aceitação de homens na docência no Brasil, vai muito além da suposta falta de atratividade desses em relação ao magistério, pois estão situados na ausência de uma estrutura de pensamento social que aprove e legitime tal escolha, de forma a oportunizar a experiência em sala de aula.

Tal comprovação foi confirmada nos depoimentos que delinearão a resistência em se ter homens atuando no magistério na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, enquanto expressão de um ranço que envolve construções de gênero e o setor

educacional (LOURO, 1997), cujos desdobramentos ainda ocasionam clivagens entre homens e mulheres.

Quanto ao balanço que os nossos entrevistados fizeram desses oito anos, notamos certa frustração quando os professores revelaram situações nas entrevistas de emprego para o cargo de docente. No entanto, mostraram-se satisfeitos com a situação profissional atual, o que nos leva a compreensão de que o campo de trabalho também é formador de novas identidades profissionais, cuja posição foi destacada nas trajetórias profissionais de Aldo e Beto.

Em linhas gerais, pudemos observar que a dinâmica identitária opera em várias direções, dependendo dos contextos a que são submetidas. No caso do professor Aldo, ela possibilitou uma aproximação com a coordenação, área não contemplada como campo de interesse durante a Formação Inicial, mas que se configurou numa opção satisfatória ao mesmo, que não cogita mais a possibilidade de ir para sala de aula.

Em relação ao professor Beto, a docência ainda aparece em seus planos, mas está muito relacionada aos aspectos de estabilidade financeira do concurso público para o magistério, embora ainda transpareça identificação com a sala de aula com alunos maiores. E, isso nos revelou uma articulação em que antigas e novas perspectivas profissionais podem caminhar lado a lado, podendo ser ativadas conforme o contexto.

REFERÊNCIAS

ABREU, Jânio Jorge Vieira. **O Masculino Nos Caminhos da Docência Primária em Teresina (Pi) – (1970-2000)**. 2002. Disponível em www.ufpi.br/mesteduc/eventos/enconctros/GT-02-06.htm acesso em 10/03/2018.

ARCE, A. **Jardineira, Tia e Professorinha**: a realidade dos mitos. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 1997. 128 p.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

CARDOSO, Frederico Assis. Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças. In: **ANPEd: 30 anos de pesquisa e compromisso social**. Caxambu. **Anais**. Rio de Janeiro, 2007.

DUBAR, Claude **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação** Lisboa: Porto Editora, 1991.

_____. **A socialização: Construção das identidades sociais e profissionais**. Lisboa: Porto Editora, 2005.

_____. A construção de si pela atividade do trabalho: a socialização profissional In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 42, n.146, p 351-357, 2012.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo In **Educação e Realidade**. Jul-dez. 1997. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>>. Acesso em: 1 abr. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LOPES, Amélia. Da formação à profissão – choque da realidade ou realidade chocante? In: ALONSO, M. L.; ROLDÃO, M. C. **Ser professor do 1º ciclo – construindo a profissão**. Coimbra, 2006. p. 85-92.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação - uma perspectiva pós-estruturalista**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

RABELO, Amanda. Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 39, n. 4, p. 907-925 out./dez. 2013

SAYÃO, Debora T. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - UFSC, Florianópolis, 2005.

SILVA, Thomas T. da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual In: SILVA, Thomas T. (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009.